

Klaus Vieweg, *Hegel. Der Philosoph der Freiheit. Biographie.* München: Verlag C.H. Beck, 2019. ISBN: 9783406742354, 824 págs.*

Federico Orsini

Universidade Federal de Lavras

Por ocasião dos 250 anos de Hegel, o professor Klaus Vieweg, renomado especialista internacional da filosofia hegeliana, brinda-nos com um livro imponente e importante: a primeira biografia global de Hegel em alemão desde 1844¹, ano de publicação da biografia clássica do discípulo de Hegel, Karl Rosenkranz, a quem o nosso autor dedica a sua façanha, produto de uma atividade de escrita de cinco anos e de uma longa e intensa pesquisa, que se beneficiou do suporte de instituições das mais diversas cidades do mundo, de Roma a Seattle, de Frankfurt a Tóquio.

O livro contém nove seções, correspondentes às nove cidades que marcaram a origem, o desenvolvimento e o fim do curso da vida (1770-1831) e da carreira filosófica de Hegel. Cada seção está articulada em vários capítulos e subcapítulos, que entrelaçam habilmente, sem misturá-los, o conto biográfico e a discussão dos motivos e das obras que articulam o sistema do idealismo absoluto. Em razão disso, as seções mais extensas são dedicadas ao período de Iena (1801-1807), interpretado como a fase decisiva da origem da ideia fundamental do idealismo hegeliano da liberdade, e ao período de Berlim (1818-1831), que desdobra essa ideia na direção do sistema das ciências filosóficas.

O princípio inspirador da biografia e as suas coordenadas interpretativas são explicitados na Introdução (17-33): Hegel é o filósofo mais significativo da modernidade, na medida em que a união entre razão e liberdade constitui o impulso central do seu inteiro percurso de vida teórica e prática. A biografia não serve para oferecer uma coleção de anedotas curiosas sobre a vida do homem ‘por trás’ do seu pensamento, mas antes se propõe a

* Resenha recebida em 2 de setembro de 2020 e aprovada em 12 de dezembro de 2020.

¹ Cabe lembrar que, no curso de 2020, meses depois do primeiro lançamento do trabalho de Vieweg na feira do livro de Frankfurt de 2019, outras duas novas biografias de Hegel apareceram para celebrar os 250 anos do aniversário do nascimento de Hegel: OSTRITSCH, S. **Hegel. Der Welt-Philosoph.** Berlin: Propyläen Verlag, 2020; KAUBE, J. **Hegels Welt.** Berlin: Rowohlt, 2020. Para uma comparação entre as três biografias, assinalamos a seguinte resenha: <https://www.br.de/nachrichten/kultur/weltergruender-neue-buecher-ueber-georg-friedrich-wilhelm-hegel,S7SCsU6>



descrever a vida do filósofo como a história da concretização de um fio condutor que constitui o “credo” (17, 22, 30) de Hegel: *razão e liberdade*. Para tanto, o referencial do biógrafo de hoje não deve ser diverso daquele que já orientou Rosenkranz: o sistema e a vida vão de mãos dadas, de modo que a totalidade do homem Hegel pode ser encontrada unicamente no acordo entre eles.

Vieweg não se deixa intimidar pelo “oceano de interpretações extremamente distintas e contrastantes” (23) produzidas em mais de 200 anos de história dos efeitos da filosofia de Hegel. O compasso do autor busca manter-se fiel ao credo acima enunciado, cuja legitimação filosófica é “o pensamento fundamental de um monismo absoluto enquanto idealismo da liberdade” (21), pensamento este que Hegel ganha com esforço nos anos de Iena e que ele continua a desenvolver nas etapas sucessivas. De acordo com essa interpretação, Vieweg classifica as quatro obras publicadas em vida por Hegel: a *Fenomenologia do Espírito* é a obra mais fascinante, a *Ciência da Lógica* é a obra mais fundamental, a *Enciclopédia das ciências filosóficas*, na primeira versão de Heidelberg e nas últimas versões de Berlim, é a obra central, que resume os traços fundamentais da arquitetônica do sistema, e as *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* de Berlim são o escrito mais importante na história dos efeitos do hegelianismo e, ao mesmo tempo, a obra mais contestada.

Ao discutir a metodologia da sua exposição, o autor defende o ideal do equilíbrio entre vida e pensamento, já perseguido por Rosenkranz. De acordo com as reflexões do próprio Hegel sobre o interesse de uma biografia, Vieweg destaca a interação entre o caráter vivo e peculiar do homem e o pano de fundo histórico do seu mundo. Tendo em vista esse critério, Vieweg aponta dois extremos a serem evitados: a santificação do herói e a perspectiva do camareiro (isto é, o nivelamento para baixo) (29). No entanto, o autor não esconde os dilemas e as dificuldades inerentes à tentativa de apresentar o entrelaçamento entre “curso do mundo” e “curso da vida” (27). O dilema principal decorre da escolha do público-alvo: o público amplo encontrará um excesso de filosofia em detrimento dos detalhes prosaicos da vida, ao passo que o círculo dos filósofos lamentará a falta de filosofia em benefício de episódios contingentes. Embora o livro não deixe de lembrar os aspectos prosaicos e conhecidos do homem Hegel, amante dos vinhos, sociável com as mulheres, apaixonado pelos jogos de carta, o nosso autor privilegia, de fato, os leitores filósofos. Prova disso é o grande espaço que ele reserva à análise das quatro obras de Hegel: quase 50 páginas para a *Fenomenologia* (259-

306), mais de 50 para a *Ciência da Lógica* (361-413), 70 páginas para a *Filosofia do Direito* (464-533), mais de 80 páginas para a *Enciclopédia* de Berlim e os ciclos de preleções correspondentes às partes do sistema (569-653).

Outro desafio de Vieweg consistiu no acerto de contas com o modelo congenial de Rosenkranz. A este respeito, o autor toma distância do retrato da vida de Hegel como progressão quieta e contínua da sua inteligência e defende uma imagem mais complexa, segundo a qual o lado exteriormente sereno da personalidade de Hegel é apenas a aparência de um lado interno, noturno, habitado por forças destrutivas, que ele conseguiu disciplinar através de um longo e intenso percurso de formação, que incluiu não apenas a descoberta do seu caminho para a ciência, mas também a sua capacidade de cultivar multiformes relações com os melhores contemporâneos que seu mundo histórico tinha lhe oferecido. Além disso, o autor destaca que a vida de Hegel não se conforma ao clichê do filósofo com a cabeça mergulhada nas nuvens e descolada dos acontecimentos exteriores. Dado que a Revolução Francesa foi o evento histórico mundial que marcou a sua vida e o seu pensamento, Hegel foi sempre um filósofo *político* (18), não apenas por elaborar uma filosofia inspirada pela defesa das ideias da Revolução, mas também pelo comprometimento constante com as questões da vida pública, presentes na formação do adolescente nos anos pré-revolucionários e, de modo ainda mais urgente, ao longo de quarenta anos de mudanças dramáticas na configuração da Europa pós-revolucionária. Tanto nos anos da esperança no sucesso dos princípios revolucionários por meio das guerras napoleônicas, quanto nos anos do medo incutido pelos decretos de Karlsbad (1819), que impunham a política da Restauração nos territórios da recém-surgida Confederação Germânica, a atitude de Hegel foi caracterizada por uma ‘discrição cautelosa unida a um risco calculado’ (D’Hondt) (31) diante das estruturas autoritárias dos contextos bastante variados que ele atravessou, desde a capital do então ducado de Württemberg até a capital do estado prussiano, onde Hegel precisou se mover no meio de águas turbulentas que agitavam uma época de violento refluxo do movimento reformador. Examinemos, doravante, os momentos salientes daquela *linha ascendente* (29), mas descontínua, que, segundo Vieweg, desenha a imagem tensa e aventureira da vida de Hegel.

A primeira seção (35-56) reconstrói a infância e a adolescência (1770-1788) de Hegel na sua cidade natal. Depois de uma rápida descrição do contexto geográfico e político da

cidade de Stuttgart e da família de Hegel, marcada pela morte prematura da mãe por causa do tifo em 1783, o autor retrata o círculo dos amigos e se concentra sobre o ingresso de Hegel no mundo intelectual, cujo centro é o *Gymnasium Illustre*, caracterizado pela orientação humanista. Desde os doze até os dezoito anos, como filho privilegiado de um funcionário do ducado, o pequeno Wilhelm se apropria vorazmente, fora e dentro da escola, de um amplo leque de interesses: ciência, religião, literatura antiga e moderna. O centro das preocupações de Hegel é a relação com a religião cristã, que se torna altamente problemática com a leitura do *Contrato social* de Rousseau e dos dramas de Schiller, que tematizam a liberdade e a rebelião contra o despotismo.

A segunda seção (57-99) analisa os anos de estudo no *Stift* (seminário teológico) de Tübingen (1788-1793), no qual Hegel desfruta de uma bolsa que deve encaminhá-lo, segundo a intenção do pai, para a carreira teológica a serviço do ducado. Mas os interesses pela filosofia e a erupção da Revolução Francesa em 1789, unidos a uma escassa predisposição para a pregação pública, logo frustram os planos do pai e orientam o jovem Hegel para outra possível profissão. O autor analisa cinco campos temáticos que, conjuntamente, individualizam a posição de Hegel em Tübingen: em primeiro lugar, a relação entre fé e saber, entre religião e filosofia; em segundo lugar, o abuso da natureza e a relação entre dualismo kantiano e monismo espinosano; em terceiro lugar, o desafio do ceticismo antigo e moderno; em quarto lugar, as relações entre moralidade, direito natural, Estado e história no que diz respeito à independência das esferas da vida no mundo moderno; em quinto lugar, o nexos entre metafísica, lógica e epistemologia. Embora a questão da fundamentação última da filosofia não constitua ainda o interesse central de Hegel, os seus trabalhos estudantis documentam que as lições de Flatt sobre lógica e psicologia constituem o pano de fundo do seu confronto com as primeiras tentativas de transformação da *Crítica da Razão Pura*, por parte de Reinhold, no sentido de uma teoria unificada da faculdade de representação. Cabe assinalar uma passagem de ‘ficção documentada’ (16, 64-66), com a qual Vieweg reconstrói por inteiro um dia típico de Hegel no *Stift*, ilustrando o contraste entre o peso da disciplina rígida e das obrigações estudantis, encaradas com espírito de rebeldia, e o entusiasmo pelas leituras de Rousseau, Kant e Schiller, compartilhadas nos passeios com os amigos mais íntimos, Hölderlin e Schelling.

A conclusão do ciclo do *Stift* demonstra que o ofício de pastor não é o futuro de Hegel. Ele procura uma vaga de preceptor privado e se decide por Berna, quer pela imagem da Suíça como refúgio da liberdade republicana, quer pelo encanto dos lugares frequentados por Rousseau e descritos pelos poemas de Albrecht von Haller, quer pela proximidade entre a confederação helvética e a França revolucionária.

A terceira etapa da vida de Hegel (1793-1796) é a experiência de preceptor dos filhos da família von Steiger, pertencente ao patriciado bernês e firmemente arraigada nos princípios do *Ancien Régime* da Suíça. Vieweg descreve essa fase como a primeira verdadeira crise de vida de Hegel, crise para a qual contribuíram o abandono da atmosfera comunicativa de Tübingen, as complicadas relações com a aristocracia de Berna, a incerteza sobre o destino profissional e também a profunda decepção com os desenvolvimentos ditatoriais da Revolução Francesa. Nesse contexto de isolamento – talvez mais emotivo do que efetivo – interrompido apenas pelo contato com outros preceptores, com os quais Hegel empreenderá uma viagem aos Alpes berneses em julho de 1796, e por uma fundamental troca epistolar com Schelling e Hölderlin, Hegel precisa enfrentar “uma escalada intelectual vertiginosa e cansativa num ar rarefeito e sem cordada” (112). Nos anos decisivos para o nascimento do idealismo alemão – inaugurado pela publicação da *Doutrina da Ciência*, de Fichte, em 1794 – Hegel permanece um observador desconhecido e distante, mas tenta compensar essa desvantagem através da intensificação do confronto com o pensamento transcendental. O documento desse estudo é o primeiro manuscrito filosófico (não publicado): *Die transcendente Idee*. Embora o foco do interesse intelectual de Hegel se direcione gradativamente para um filosofar propriamente sistemático orientado pela revolução kantiana, as temáticas da religião popular, do republicanismo, da arte e da formação não são deixadas de lado. A novidade em relação aos anos de Tübingen é a renúncia ao plano de uma síntese entre as concepções de religião de Rousseau e de Kant. A este propósito, um documento exemplar, que Hegel teve a prudência de manter escondido, é o manuscrito sobre a *Vida de Jesus*, que tenta apresentar o fundador do cristianismo como o modelo encarnado de uma religião racional, que sintetiza a “Profissão de Fé do Vigário Saboiano” do *Emílio* de Rousseau com o pensamento moral da *Crítica da Razão Prática* de Kant. No entanto, dois fatores conduzem Hegel a abandonar definitivamente o plano de uma religião popular. O fator teórico é a crítica aos postulados da razão prática – interpretados como uma estratégia de consolação mascarada – e o adeus à

moral deontológica de Kant, mediado pela leitura das *Cartas sobre a Educação Estética* de Schiller. O fator político é a queda dos jacobinos e o fracasso do culto do Ser Supremo idealizado por Robespierre. Doravante, Hegel defenderá uma clara separação política entre religião e Estado, recuperando o tema da sua unidade num plano histórico e especulativo alternativo tanto a Rousseau como a Kant.

Além do tema da religião, a fase de Berna aborda um conjunto de temas, que atestam o esforço de Hegel para buscar um fundamento unitário do saber. Entre janeiro e abril de 1795, através do contato epistolar com Hölderlin e Schelling, Hegel se convence de que a filosofia de Kant entregou os resultados (os pensamentos da dignidade e da liberdade do ser humano), mas ainda carece de demonstração (125). Especialmente a carta de Hölderlin a Hegel do dia 26 de janeiro de 1795 é fundamental para entender as ressalvas de ambos contra o risco de dogmatismo inerente ao Eu de Fichte (128). Pela mesma razão, Hegel não adere à transformação espinosista do Eu fichteano por parte de Schelling. O mais antigo manuscrito sistemático-filosófico de Hegel mostra as ressalvas de Hegel perante o conceito de liberdade de Kant, Reinhold e Fichte, bem como o distanciamento do Eu como *causa sui* de Schelling: um princípio absoluto, apresentado como certo *antes* de todo saber, não pode jamais ser conhecido, e por isso está exposto aos ataques do ceticismo, com os quais Hegel tinha se familiarizado desde os anos de Tübingen através da leitura de Sexto Empírico e de Hume (130). A tese principal de Hegel é que a unidade procurada não pode ser um princípio abstrato (ou seja, à parte de toda relação), mas antes tem de ser uma unidade de liberdade e natureza, que não admita nenhuma relação de dominação. Indicações mais precisas para a solução desse problema precisam aguardar uma fase sucessiva da aprendizagem intelectual de Hegel.

Um sinal da ressalva de Hegel para com o alcance puramente teórico da filosofia transcendental é o seu interesse prático pelos temas da constituição estatal, da economia, e do republicanismo. Remonta à estadia em Berna o primeiro escrito publicado de Hegel: a tradução das *Cartas Confidenciais* de Cart, revolucionário girondino da região de Vaud, a qual reivindicava direitos políticos contra o governo oligárquico de Berna. Essa tradução, publicada anonimamente em 1798, é o primeiro de uma série de escritos que defendem a ideia de um republicanismo moderno, em que o ideal de autogoverno da democracia antiga precisa se reconciliar com os traços de uma sociedade moderna e com os direitos individuais do ser humano. Ao tratar os quatro critérios da modernidade do Estado, Vieweg menciona a questão

da justiça como um elemento fundamental da síntese sucessiva entre Estado de Direito e Estado Social.

Graças à mediação de Hölderlin, que tinha conseguido para o amigo um emprego de preceptor na família de um rico comerciante de Frankfurt, Hegel sai da crise depressiva de Berna e, depois de um retorno a Stuttgart no fim de 1796, em janeiro de 1797 viaja para Frankfurt, uma metrópole da aristocracia mercantil do dinheiro.

A esta etapa (1797-1800) é dedicada a quarta seção (145-191), que reconstrói a decisão de Hegel de consagrar sua vida à filosofia, deixando para trás as opções de educador religioso e publicista. Depois da descrição do novo contexto – a atmosfera mais congenial da livre cidade imperial de Frankfurt e da família Gogel –, Vieweg concentra-se sobre o sodalício filosófico de Hegel com os amigos Hölderlin, Sinclair e Zwilling, cujas discussões versam sobre a fundamentação de uma ‘filosofia da unificação’ (*Vereinigungsphilosophie*), configurada como um novo monismo idealista. A leitura frankfurtiana da filosofia antiga (Platão, Sexto, Aristóteles), o estudo da economia política de James Steuart e Adam Smith, o trabalho sobre a constituição do império alemão, preparam os alicerces de uma filosofia autônoma.

O ponto de partida é a unificação entre sujeito e objeto, entre liberdade e natureza, a saber, entre os termos que a cultura moderna colocou em oposição. O impulso para a superação dessas oposições vem da ideia de pan-unidade (*All-Einheit*) de Hölderlin, ideia esta que, porém, por ser exposta de modo fragmentário pelo poeta, deixa intacto o abismo entre a unidade originária e a existência finita. Confrontando-se com o “*monismo da segunda unidade*” (162) de Sinclair e com o “*monismo da relacionalidade absoluta*” (163) de Zwilling, Hegel compreende que um absoluto acometido por alguma exclusão é um erro lógico. O pensamento de Hegel fica próximo do idealismo absoluto de Schelling, que nos mesmos anos concebe a unidade de espírito e natureza como uma identidade absoluta de sujeito e objeto, expressa filosoficamente por meio da complementaridade entre filosofia transcendental e filosofia da natureza. Mas o conhecimento hegeliano do ceticismo pirrônico já lhe permite ultrapassar criticamente a ideia schellinguiana de uma identidade *sem* relação imanente (188). No entanto, o ceticismo por si é apenas a culminação da reflexão finita, que fica presa à dualidade entre um absoluto vazio e o mero relativo. A peculiaridade da contribuição hegeliana ao debate sobre o monismo é o conceito da vida enquanto

autodesdobramento do todo em suas diferenças. Incitado pela leitura de Schiller e do *Romeo e Julieta* de Shakespeare, Hegel associa ao fenômeno da vida o conceito de amor, entendido como “*unidade da unificação e da independência*” (181) dos seres vivos que se reconhecem um ao outro. O núcleo idealista de Fichte – o pensar do Eu como ato de liberdade – deve ser conservado, mas precisa ser acompanhado pela inteligência cética da relacionalidade constitutiva da vida e pelo recurso ao modelo aristotélico do divino como vida em ato.

Num encontro memorável ocorrido no janeiro de 1797, reconstruído por Vieweg de acordo com o método da ficção documentada, Hölderlin, Sinclair e Hegel reúnem-se na hospedaria Bona Mansio para proteger-se do frio e aí discutem as ideias que dão origem a um manuscrito conhecido mais tarde como *O Mais Antigo Fragmento de Sistema do Idealismo Alemão* (166-170), cuja autoria ainda não foi estabelecida para além de qualquer dúvida, embora a grafia pertença a Hegel. Vieweg não deixa de destacar a conexão entre as dimensões do conceito de vida e as reflexões contidas em *O Espírito do Cristianismo e o seu Destino*, mas justamente por essa conexão ele critica a interpretação teológica dessa fase hegeliana. Ao contrário, o autor documenta o afastamento de Hegel de qualquer devoção teológica e direciona sua atenção ao panorama do efeito político mundial da religião cristã, descrito no Prefácio de setembro de 1800 ao escrito referido (não publicado). O *Fragmento de Sistema* de 1800, que conclui o pensamento da fase frankfurtiana, atesta que Hegel entende o absoluto como vida, mas, à parte algumas fórmulas instigantes, ele ainda está longe da elaboração sistemática dessa visão.

Em janeiro de 1799, o pai de Hegel falece e lhe deixa uma herança 3150 florins, que o jovem preceptor utiliza para tentar a carreira universitária na cidade de Iena, o centro pulsante do idealismo e do romantismo filosóficos.

A quinta seção (193-306) explora a “fase mais tensa e intelectualmente decisiva” (193) do caminho de Hegel para a ciência (1801-1807), tendo como ponto de referência a fundamentação do idealismo absoluto da liberdade. A primeira fase ienense (1801-1803) marca o debute de Hegel na cena filosófica através da *Differenzschrift*, que examina a relação entre a filosofia de Fichte e a de Schelling. Vieweg toma distância da tese de que esse primeiro escrito público de filosofia seria apenas uma defesa da filosofia da identidade de Schelling contra Fichte, mostrando que a peculiaridade do novo monismo hegeliano (a ideia da dupla relação entre finito e absoluto) já contém implicitamente uma crítica original a

Schelling. A essa primeira fase pertencem a defesa do escrito *De Orbitis Planetarum*, que confere a Hegel a habilitação para a docência, as primeiras lições sobre lógica e metafísica, e os importantes artigos publicados no *Jornal Crítico da Filosofia*, fundado em colaboração com Schelling e interrompido em 1803, quando Schelling se muda para Würzburg. Especialmente dois desses artigos, o ensaio sobre a *Relação do Ceticismo com a Filosofia e Fé e Saber*, mostram que a integração do ceticismo pirrônico à ciência e a fórmula do “*ser junto de si no outro de si mesmo*” constituem as ideias fundadoras do novo idealismo do absoluto de Hegel (227-233). Nos anos 1802-1803, Hegel elabora também uma filosofia do universo prático, documentada pelo ensaio sobre *Os Diferentes Modos de Tratar o Direito Natural* e pelo fragmento sobre o *Sistema da Eticidade*, e continua o esboço sobre a constituição do já declinante império alemão. A reflexão política sobre a atualidade, guiada pelos princípios da liberdade republicana, demonstra não apenas a leitura hegeliana do *Príncipe* de Maquiavel, mas também sua compreensão da liberdade moderna como articulação de uma ordem estatal que não é mais fundada sobre um povo, mas antes sobre a constituição federativa de formas particulares de autogoverno unidas por princípios de legalidade e justiça.

A segunda fase ienense (1804-1807) registra “os anos mais estimulantes, mais ambivalentes e mais turbulentos para Hegel” (255). Do ponto de vista prático, Hegel enfrenta a falta de fundos para seu sustento, os fracassos das tentativas de obter uma posição como professor, o declínio intelectual da universidade de Iena, o caso com a governanta Christiane Burkhardt, que dará à luz o filho clandestino, Ludwig, em fevereiro de 1807, a batalha de Iena no outubro de 1806, o encontro com Napoleão, a fuga da cidade, invadida pelas tropas francesas. Do ponto de vista teórico, o “projeto hercúleo” (250) de Hegel gera a ruptura com a filosofia de Schelling, a elaboração do conceito de espírito, a redação de esboços de sistema – esboços que aliás conduzem ao abandono definitivo da distinção entre lógica e metafísica –, e a gestação trabalhosa da *Fenomenologia do Espírito*, que será publicada em março de 1807 na cidade de Bamberg, onde Friedrich Niethammer, amigo íntimo desde o *Stift* e administrador da escola superior (*Oberschulkommissar*) da região bávara da Francônia, tinha conseguido para Hegel uma posição como redator-chefe do jornal local.

Vieweg fornece uma refinada visão de conjunto do “escrito mais fascinante” (306) de Hegel, detendo-se na estrutura, no método, no programa sistemático e na “cartografia do

caminho fenomenológico” (269). Cabe mencionar, ao menos, três aspectos dessa análise: (i) a interpretação da obra como justificação do início da filosofia (253-255, 305) por meio da equidistância entre o realismo e o idealismo subjetivo; (ii) a transição da religião para o saber absoluto como tradução do *medium* do pensamento (294-301); (iii) o saber absoluto como ponto de vista do pensar conceitual resistente à prova do ceticismo (301-306).

O ano e meio que Hegel passou em Bamberg (1807-1808) é caracterizado pela publicação da *Fenomenologia do Espírito*, pelo início do trabalho na *Ciência da Lógica* e pela atividade de redator para o *Jornal de Bamberg*. Vieweg mostra que o tema condutor dessa atividade é a cultura (*Bildung*) – como é demonstrado pelo ensaio popular *Quem pensa abstratamente?* – e que o elemento político de Hegel assume o primeiro plano, articulando-se em quatro pontos que giram em volta da figura central de Napoleão: (i) a questão da constituição racional do Estado, questão cuja urgência era posta pelo fim do milenar Sacro Romano Império Germânico; (ii) os relatos sobre o decurso das guerras napoleônicas, das quais Hegel, sem tremores patrióticos, esperava a introdução do moderno código civil francês nos Estados conquistados do continente europeu; (iii) a compreensão da relação entre política e ciência, terreno de luta ideológica entre iluministas e reacionários; (iv) a relevância da cultura pública e sua fundamentação teórica. A este respeito, é central a discussão do livro de Niethammer *O conflito entre o filantropismo e o humanismo* (1808), que medeia a disputa entre um modelo de educação voltado para os valores práticos e um modelo orientado pelo conceito clássico de *humanitas*.

Em novembro de 1808, Hegel se muda para Nuremberg, cidade luterana da Francônia inserida na Confederação do Reno, instituída por Napoleão em 1806. Niethammer, comissário central da Educação do Reino da Bavária desde 1807, tinha obtido para o amigo o posto de diretor e professor de filosofia no primeiro ginásio humanista da Alemanha, e nos oito anos (1808-1816) da moradia em Nuremberg o filósofo escreve e publica em três partes a sua obra principal: a *Ciência da Lógica* (1812-1816).

A sétima estação da biografia é bastante extensa (325-415) e se torna notável sob três aspectos principais: a centralidade do problema da *Bildung*, a formação da família, a escrita da segunda obra-prima. Em primeiro lugar, o autor analisa os princípios da atividade de ensino de Hegel, a sua concepção da escola como esfera mediadora entre a família e o mundo efetivo, e a sua apropriação do *Normativ* de Niethammer na construção do plano de ensino da

filosofia. Novamente, o autor ressalta o envolvimento de Hegel com o elemento político-cultural: não apenas a sua avaliação de Napoleão (359-361), mas também, no conflito entre católicos e protestantes, a defesa de uma forma de protestantismo fundado na *Bildung* (portanto, sem os dogmas da teologia luterana) e a separação institucional entre Igreja e Estado (334). Em segundo lugar, o autor reconstrói o contexto da vida cultural de Nuremberg, onde Hegel amplia seus interesses pelas artes (especialmente pela pintura) graças ao contato com o crítico e colecionador Sulpiz Boisserée. Devido destaque é dado às circunstâncias do casamento de Hegel com Marie von Tucher, mulher de vinte anos e filha de um membro da aristocracia local, com a qual ele tem dois filhos, Karl e Immanuel. Em terceiro lugar, Vieweg propõe uma interpretação da *Ciência da Lógica* como “nova metafísica” (366, 415) da liberdade, analisando o pano de fundo teórico (a saber, o confronto com a metafísica moderna e com a filosofia transcendental), o método, a “estrutura fundamental” (a saber, a negatividade absoluta) (372), e os três estágios na autodeterminação do conceito: ser, essência, conceito. Convém salientar, mesmo sem poder aqui discuti-los, três momentos dessa análise sobre questões ainda muito controversas do debate: a solução do problema do início da ciência (376-380) através do “*puro É*” (378) do pensar conceitual; a discussão dos princípios de identidade e de não-contradição como princípios da velha lógica que têm de ser superados (388-392); a interpretação da progressão da *Lógica* para a Filosofia da Natureza como o resultado da conexão entre abertura (*Aufschließen*) teórica, resolução (*Entschluss*) prática e liberdade da ideia (409-413).

Em virtude da publicação da *Ciência da Lógica* e do sucesso de sua atividade pedagógica, a fama de Hegel se espalha e, entre agosto e setembro de 1816, chegam, na sequência, as chamadas das Universidades de Heidelberg, de Berlim e de Erlangen. Hegel decide-se pela antiga e renomada Universidade de Heidelberg, para onde se muda com a família em novembro de 1816.

Nos quatro semestres em que Hegel exerce seu magistério em Heidelberg (1816-1818), ele desenvolve “um plano de trabalho incrível” (424), que se concretiza com a publicação da primeira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* em 1817.

Depois da narração do contexto familiar e cotidiano, Vieweg analisa as “quatro colunas” (426) do engajamento hegeliano em Heidelberg: (i) a fundamentação sistemática do idealismo monista através da *Lógica*; (ii) a epistemologia hegeliana, a teoria dos signos e da

linguagem confiadas na psicologia filosófica da *Enciclopédia*; (iii) o perfil de uma filosofia da vontade livre e do agir apresentado na primeira preleção sobre o direito natural no inverno de 1817/18; (iv) uma nova compreensão da arte e da história da arte, favorecida pelo encontro com o ambiente romântico de Heidelberg, representado especialmente por Eichendorff, Görres, Jean Paul e Creuzer, com o qual Hegel terá uma comunicação intensa e produtiva sobre o tema da mitologia (431).

Vieweg não se esquece de documentar o elemento político de Hegel, presente tanto na análise do escrito sobre as *Atas da Assembleia de Estamentos do Reino de Württemberg em 1815-1816*, na qual Hegel critica os privilégios dos estamentos e defende as razões de uma nova constituição fundada nos princípios da Revolução Francesa, quanto nas lições sobre a filosofia do direito conservadas na transcrição de Wannemann, que documenta um “conceito ainda embrionário de Estado” (435). Igual importância é conferida à relação de Hegel com a associação estudantil (*Burschenschaft*) de Heidelberg (438-441). O filósofo apoia a corrente democrático-cosmopolita e tenta desviar os estudantes da corrente nacionalista, que compartilha com as forças reacionárias o fundamentalismo antiuniversalista.

Por fim, Vieweg comenta a preleção inaugural (*Antrittsvorlesung*) de Hegel, a resenha de 1817 à reedição dos escritos de Jacobi e alguns aspectos da *Enciclopédia* de 1817: as circunstâncias que motivaram sua publicação, a estrutura do sistema, a diferença entre uma enciclopédia filosófica e a enciclopédia tradicional, a distinção entre filosofia e ciências finitas, e os limites de conteúdo da primeira edição, especialmente nos campos da filosofia da natureza e da filosofia do espírito.

A nona e última seção (447-672), que é a mais extensa e detalhada, é consagrada ao estudo dos anos de Berlim (1818-1831), para cuja universidade Hegel é chamado pelo ministro prussiano Altenstein em 1818. Podemos dividir o conteúdo dessa seção em cinco grandes unidades temáticas.

A primeira unidade é a severa virada política imposta pelos decretos de Karlsbad, que entram em vigor em agosto de 1819 com a finalidade de impedir os impulsos revolucionários e de estabelecer um rigoroso regime de polícia e vigilância. Esse evento, que marca a vitória momentânea do partido da Restauração sobre os esforços reformadores, abala a condição emotiva de Hegel e demonstra que a realização do seu programa filosófico, anunciado no discurso inaugural do outubro de 1818, será mais complicada do que o previsto, assim como o

será o caminho dos eventos políticos europeus. O clima de perseguição é ilustrado pela ambivalente relação de Hegel com a *Burschenschaft* de Berlim, dividida entre os seus seguidores e a tendência nacionalista, liberal e antijudaica, liderada por Fries e de Wette. Embora Hegel não compartilhe dos objetivos políticos da associação, ele apoia os estudantes perseguidos e intervém financeiramente e juridicamente para obter a libertação do cárcere de dois estudantes do seu círculo: Gustav Asverus, que tinha lentamente se convertido do nacionalismo ao hegelianismo, e Leopold von Henning, colaborador didático do próprio Hegel.

O segundo grande tema é a *Filosofia do Direito*, a obra mais criticada, publicada no outono de 1820 depois de meses de dificuldades decorrentes da censura governamental. A esse respeito, Vieweg propõe uma análise magistral, que compreende a relevância política da obra, sua estrutura lógica peculiar e todas as suas transições internas (464-533). Nas notas, o leitor é informado que o autor compendiou, num admirável *tour de force*, o amplo e excelente comentário dos *Grundlinien* que ele mesmo publicou em 2012.² Como se ainda hoje fosse necessário, o comentário de Vieweg dissolve definitivamente a lenda de Hegel como filósofo da ordem estatal da Prússia da Restauração.

O terceiro tema é a vida mundana de Hegel. Ela inclui, antes de tudo, o mundo local (familiar, acadêmico, cultural): a alternância de luzes (o sucesso incontestável das preleções e a formação de uma escola hegeliana) e sombras (as invejas e as hostilidades do partido reacionário) do meio acadêmico, as dificuldades familiares (a condição precária da irmã de Hegel e o fracasso da relação com o filho ilegítimo Ludwig), o significado do teatro como centro da vida pública, a relação com os poetas da *Junges Deutschland*, o contato com os expoentes da vida musical, a contribuição de Hegel para a fundação do Museu de Arte de Berlim, a composição extremamente variada do público de Hegel, com interessantes avaliações da atmosfera das lições e da figura do professor (563-568). Mas a vida mundana não fica restrita à cena berlinense. De 1821 a 1829, Hegel faz várias viagens pela Europa (557-563), que terão efeitos sobre suas lições de estética e de filosofia da história. Viaja para Bruxelas e Amsterdam (1822), onde conhece as obras dos mestres da pintura holandesa,

² Cf. VIEWEG, K. **Das Denken der Freiheit. Hegels Grundlinien der Philosophie des Rechts**. München: Wilhelm Fink, 2012. Desta obra existe hoje uma tradução para o português: VIEWEG, K. **O Pensamento da Liberdade. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson, Lucas Nascimento Machado, Luiz Fernando Barrere Martin. São Paulo: EDUSP, 2019.

conhece Praga e Viena (1824), onde se apaixona pelas óperas de Rossini, passa um mês em Paris (1827), onde o colega Victor Cousin o guia por aquela que Hegel descreve a sua mulher como “a capital do mundo civilizado” (carta de 3 de setembro de 1827) e o introduz aos círculos dos mais destacados intelectuais franceses. O último ciclo de viagens tem como destinos Teplitz, Praga e Karlsbad, na Boêmia (1829), que Hegel escolhe para desfrutar dos banhos termais. Em Karlsbad, ele encontra pela última vez Schelling: segundo o seu relato, os dois entretêm-se num espírito de antiga e cordial amizade, evitando adentrar nos assuntos que levaram à ruptura filosófica do passado.

O quarto tema são as duas edições berlinenses da *Enciclopédia* e os ciclos lendários das lições sobre todas as partes do sistema, cujo *work in progress* ocupará Hegel até o fim da vida. O interesse dessa longa reconstrução (569-653) é enorme para os leitores de filosofia, especialmente para os hegelianos, que podem apreciar um quadro atualizado em relação ao estado de publicação dos cursos e uma introdução competente e nuançada à expressão sistemática do pensamento de Hegel, notavelmente de sua filosofia do espírito. Dado que seria impossível tentar resumir essa parte, vale a pena trazer alguns pontos marcantes e ainda controversos: a “interação não livre de tensão” (569) entre *Enciclopédia* e preleções, os pontos de vista que orientam a leitura das edições berlinenses da obra (573-574), o papel do elemento fenomenológico na *Enciclopédia* (575), a relação de tipo especulativo entre espírito e natureza (581), o esclarecimento do famigerado conceito de *Weltgeist* (600-602), a defesa de Hegel contra a acusação de eurocentrismo (606-609), a discussão da tese do fim (*Ende*) da história (610-611) e do fim da arte (614-621), a justificativa do pluralismo religioso (640, 643), a questão do fim da filosofia (653).

O quinto tema são os compromissos científicos e políticos dos últimos anos. Do ponto de vista científico, notabilizam-se (i) a fundação dos *Anais para a Crítica Científica*, órgão da escola hegeliana, que Hegel dirige nos primeiros cinco anos (1826-1831), publicando também importantes resenhas dos escritos de Solger (656-659), de Hamann e de Wilhelm von Humboldt; (ii) a terceira edição da *Enciclopédia* (1830), que apresenta pequenas alterações em relação à edição de 1827 (661-662); (iii) a nova edição revista do primeiro livro da *Ciência da Lógica*, acrescida de um segundo prefácio, finalizado uma semana antes da morte. Do ponto de vista institucional, o reconhecimento de Hegel chega ao topo quando é nomeado reitor da Universidade no ano de 1829/1830. Embora desempenhe essa função com

conscienciosidade e alto senso político, como é demonstrado pelo discurso de posse e pelo discurso de comemoração por ocasião da terceira festa secular da Confissão de Augsburgo (1830), ele fica feliz ao entregar o oneroso cargo no início de 1831, para poder dedicar-se com tranquilidade à atividade científica. Dadas a inquietação dos tempos e a atitude política do filósofo, não haveria de faltar o seu posicionamento sobre os eventos da revolução liberal de julho de 1830 na França, que Hegel comenta nas *Lições sobre a Filosofia da História Mundial* do semestre de inverno de 1830/31, formulando a tese de que não é possível uma revolução sem reformas da constituição e, sobretudo, sem uma reforma religiosa. Mas a medida mais concreta do engajamento de Hegel emerge no ensaio *Sobre a Reforma Eleitoral Inglesa* (1831), publicado em folhetim na *Gazeta do Estado Prussiano*. Vieweg destaca a ambivalência da avaliação de Hegel: por um lado, ele reconhece a racionalidade concreta da constituição inglesa e considera legítima a necessidade de reformas; por outro lado, o fosso entre riqueza e pobreza, a ameaça dos direitos racionais por parte do governo oligárquico do Parlamento, a ideologia do *laissez-faire* e a confiança no voto individual (sem a preocupação com a *Bildung* dos votantes) não recomendam a reforma eleitoral inglesa como uma base adequada para prosseguir o projeto de 1789 (667-669).

Hegel faleceu inesperadamente, em poucas horas, no dia 14 de novembro de 1831. Ainda hoje não é possível explicar se a causa da morte foi a epidemia de cólera que assolava Berlim desde o verão ou se foi o agravamento de uma doença de estômago que já tinha se manifestado em 1827, durante a viagem a Paris. Conforme um desejo expresso no outono de 1819, Hegel foi sepultado no cemitério Dorotheenstadt de Berlim, ao lado da tumba de Fichte e perto da de Solger.

Ele deixa obras difíceis e um legado imenso, que marcou a paisagem da filosofia contemporânea. Vieweg subscreve e atualiza a frase espirituosa de Merleau-Ponty: “há 200 anos que nada de decisivo acontece na filosofia sem Hegel” (33).

Unindo erudição – o volume contém 140 páginas de notas, aparatos e bibliografias (681-824) – e paixão, a presente biografia entrega o que promete na introdução: tentando equilibrar a seriedade científica com o humor, tão caro a Hegel, ajuda-nos a pensar todas as facetas da personalidade de Hegel (estudante rebelde, docente, cidadão, pai de família, amigo, educador político, jornalista, celebridade mundana) e a buscar a coerência que perpassa vida e obra, teoria e práxis, organizadas por um fio condutor: razão e liberdade. De fato, a convicção

‘normativa’ que motiva o livro é que Hegel não é apenas o (melhor) pensador do seu mundo, mas também do *nosso* mundo, que é obrigado a explicar a si mesmo a partir dos critérios de racionalidade formulados pela compreensão hegeliana da modernidade. Mesmo sem querer substituir as monografias sobre o pensamento de Hegel (25), a biografia de Vieweg é bem mais complexa do que a narrativa de uma trajetória existencial voltada ao rápido consumo de um público não especialista, que provavelmente não se sentirá à vontade para embarcar numa viagem tão exigente. Na tentativa de se colocar à altura imposta pelo ‘credo’ do mestre, o autor pede “coragem para a leitura nada fácil” (33) da história do filosofar de Hegel. A recompensa desejada aos leitores corajosos de 2020 é resumida numa piada de Oscar Wilde: *I’m so smart. I read and understand Hegel.*

Federico Orsini
Universidade Federal de Lavras
UFLA - Av. Central UFLA, s/n –
Aquenta Sol, Lavras - MG, 37200-000
platoniet@yahoo.it